



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO HUMANIDADES E SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JOÃO EMERSON SOARES DA SILVA

**FATORES MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DO BEACH TENNIS NO
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO TOCANTINOPOLINO**

TOCANTINÓPOLIS-TO

2025

JOÃO EMERSON SOARES DA SILVA

**FATORES MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DO BEACH TENNIS NO
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO TOCANTINOPOLINO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Norte do Tocantins, como requisito parcial à obtenção do grau de conclusão.

Orientador: Adriano Lopes Souza

TOCANTINÓPOLIS-TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S676f Soares da Silva, João Emerson .
FATORES MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DO BEACH
TENNIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO
TOCANTINOPOLINO / João Emerson Soares da Silva. - Centro de
Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2025.
28 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Educação Física
Licenciatura) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Adriano Lopes de Souza.

1. Beach Tennis . 2. Contexto universitário. 3. Fatores
motivacionais.

CDD 613.707

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FOLHA DE APROVAÇÃO

João Emerson Soares da Silva

FATORES MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DO BEACH TENNIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO TOCANTINOPOLINO

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 06/12/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza, UFNT

Profa. Dra. Milena Pedro de Moraes, UFNT

Prof. Dr. Marco Aurélio Gomes de Oliveira, UFNT

TOCANTINÓPOLIS-TO

2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar estes agradecimentos agradecendo primeiramente a Deus, por ter me sustentado até aqui e por me dar forças para seguir adiante mesmo nos momentos mais desafiadores. Foi sua presença que me permitiu manter a resiliência, a coragem e a esperança necessárias para concluir este processo, iluminando meu caminho e guiando cada passo durante esta jornada acadêmica.

Agradeço também à minha família, em especial aos meus avós, que são as pessoas mais importantes da minha vida depois de Deus. Com eles aprendi valores que carregarei para sempre: respeito, humildade, responsabilidade e amor. Foram eles que me ensinaram, com exemplos diários, a me tornar o homem que estou construindo hoje: alguém justo, dedicado e consciente da importância de lutar pelos próprios objetivos. Tudo o que conquisto tem um pouco do que eles plantaram em mim.

Expresso ainda minha sincera gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram ao longo deste percurso. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada demonstração de confiança tiveram um impacto real e positivo durante a realização deste trabalho. São essas pequenas, porém significativas, contribuições que somam forças e fazem toda a diferença quando o caminho parece mais difícil.

Agradeço, de forma especial, ao meu orientador Adriano Lopes de Souza, pela orientação atenciosa e comprometida. Sua paciência, dedicação e disponibilidade foram essenciais não apenas para o desenvolvimento deste trabalho, mas para minha formação acadêmica como um todo. Para além de ser um profissional exemplar, demonstrou ser um professor humano, compreensivo e disposto a acolher e orientar da melhor maneira possível. Ter sido orientado por ele foi, sem dúvida, um privilégio.

Também registro meus agradecimentos aos meus amigos, especialmente Dayane e Stenio, pelo apoio e parceria ao longo desta caminhada. A presença deles tornou o processo mais leve, trazendo motivação, amizade e compreensão nos momentos em que eu mais precisei.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 10 |
| 2.1 Tipo de pesquisa..... | 10 |
| 2.2 Local e participantes da pesquisa..... | 11 |
| 2.3 Técnica de produção dos dados | 12 |
| 2.4 Análise de dados..... | 13 |
| 2.5 Aspectos éticos..... | 13 |
| 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 14 |
| 3.1 Primeiros contatos com o BT: Entre amizades, curiosidades e dificuldades..... | 14 |
| 3.2 Atratividade do BT: Entre a técnica, a descontração e a estética..... | 17 |
| 3.3 O BT no cotidiano: entre o bem-estar físico, emocional e social..... | 20 |
| 3.4 O BT no cotidiano acadêmico: Entre sociabilidade, pertencimento e visibilidade | 22 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 25 |
| REFERÊNCIAS..... | 26 |

FATORES MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DO BEACH TENNIS NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO TOCANTINOPOLINO

João Emerson Soares da Silva¹, Adriano Lopes de Souza²

RESUMO:

O estudo teve como objetivo compreender os fatores motivacionais que influenciam os estudantes universitários a praticarem Beach Tennis (BT) no contexto universitário tocantinopolino. Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Participaram estudantes praticantes de BT nas quadras de areia da Unidade Babaçu, vinculada ao Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). A partir do grupo focal, identificou-se que a modalidade mobiliza dimensões técnicas, estéticas, emocionais e sociais que, articuladas, ampliam os sentidos atribuídos à prática. O BT configurou-se como vetor de bem-estar físico, regulação emocional e fortalecimento de vínculos, além de favorecer o pertencimento institucional e ampliar a visibilidade dos praticantes no campus. Constatou-se, ainda, que o esporte incide de maneira complexa sobre a rotina acadêmica, ora tensionando, ora reorganizando o gerenciamento do tempo. Conclui-se que o BT opera como prática integradora, capaz de promover engajamento, sociabilidade e reorganização da experiência universitária. Recomenda-se a realização de novos estudos que aprofundem a relação entre motivação, estética esportiva e cultura universitária.

Palavras-chave: Beach Tennis. Contexto universitário. Fatores motivacionais.

¹ João Emerson Soares da Silva, graduando do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), joao.emerson@ufnt.edu.br

² Doutor em Educação Física, Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), adriano.souza@ufnt.edu.br

MOTIVATIONAL FACTORS FOR THE PRACTICE OF BEACH TENNIS IN THE UNIVERSITY CONTEXT OF TOCANTINÓPOLIS

ABSTRACT:

The study aimed to understand the motivational factors that influence university students to practice Beach Tennis within the academic context of Tocantinópolis. This field research, exploratory and descriptive in nature, employed a qualitative approach. Participants were BT-practicing students who use the sand courts at the Babaçu Unit, part of the Center for Education, Humanities, and Health at the Federal University of Northern Tocantins. Based on the focus group, it was identified that the modality mobilizes technical, aesthetic, emotional, and social dimensions that, when articulated, broaden the meanings attributed to the practice. BT emerged as a vector of physical well-being, emotional regulation, and strengthened social bonds, while also fostering institutional belonging and increasing practitioners' visibility on campus. The findings also revealed that the sport affects academic routines in complex ways, at times creating tension and at other times reorganizing time management. It is concluded that BT operates as an integrative practice capable of promoting engagement, sociability, and the reorganization of university experience. Further studies are recommended to deepen the relationship between motivation, sport aesthetics, and university culture.

Keywords: Beach Tennis. University context. Motivational factors.

1. INTRODUÇÃO

No ambiente universitário, os estudantes vivenciam uma rotina marcada por exigências acadêmicas, pressões sociais e, frequentemente, níveis elevados de sedentarismo. Nesse contexto, a prática esportiva, entendida como atividade de competição, recreação e lazer, configura-se como uma estratégia relevante para enfrentar tais demandas (Colaço; Fleck, 2009).

Os resultados de estudos recentes indicam que a participação regular em modalidades esportivas durante a formação acadêmica pode favorecer o desempenho estudantil, sobretudo, por meio da redução do estresse, do aprimoramento do gerenciamento do tempo, da elevação da autoestima e do fortalecimento das relações interpessoais (Sánchez-Rivera, 2022; Zhou *et al.*, 2024).

Ao considerarmos os benefícios físicos, emocionais e sociais associados à prática esportiva no âmbito acadêmico, torna-se imprescindível compreender os fatores motivacionais que influenciam a adesão e a permanência dos estudantes nas atividades de caráter extracurricular, tal como pontuado por autores como Gaya e Cardoso (1998) e Barroso *et al.* (2007).

Nesse contexto, a motivação desponta como um determinante central do engajamento em comportamentos orientados por metas, como a prática regular de esportes. De acordo com Samulski (2009), a motivação no esporte constitui um processo psicológico dinâmico e multifatorial, resultante da interação entre características pessoais do atleta, demandas da tarefa e influências do ambiente social e competitivo, orientando a iniciação, a direção, a intensidade e a persistência do comportamento esportivo. Nessa perspectiva, tanto a permanência quanto o abandono das atividades esportivas decorrem da interação entre a motivação intrínseca, relacionada ao prazer, ao interesse, ao desafio e à satisfação pessoal inerentes à prática esportiva, e a motivação extrínseca, associada a recompensas externas, reconhecimento social, status, resultados e incentivos financeiros (Ryan; Deci, 2000; Samulski, 2009).

Com efeito, entre as diversas modalidades esportivas em expansão, optou-se por focar a prática do Beach Tennis (BT), uma vez que essa modalidade tem atraído um número crescente de praticantes de diferentes faixas etárias, tanto no Brasil quanto no cenário internacional (Evangelista, 2012). A literatura atribui esse crescimento, sobretudo, à facilidade de aprendizagem, ao baixo risco de lesões e ao caráter lúdico que a modalidade proporciona, mesmo a iniciantes. Além disso, sua prática não exige habilidades técnicas avançadas, o que a torna acessível a pessoas de diferentes idades e níveis de aptidão física (Gomes, 2017; Guiducci; Danailof; Aroni, 2019; Takayama; Vanzúita, 2020).

Em contrapartida, o BT ainda é frequentemente percebido como um esporte elitizado, em virtude de sua prática comum em clubes privados, bem como do custo elevado dos equipamentos (como as raquetes), o que pode limitar o acesso de estudantes com menor poder aquisitivo. Ora, compreende-se que este cenário restritivo coloca em evidência a importância de ações e políticas institucionais que promovam o acesso desta modalidade esportiva em espaços públicos e comunitários.

É o caso da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), mais especificamente do Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS)³, situado na cidade de Tocantinópolis-TO, que dispõe de três quadras de areia adequadas à prática do BT, o que amplia as possibilidades de participação estudantil.

Diante do exposto, o presente estudo emerge com o objetivo de compreender os fatores motivacionais que influenciam os estudantes universitários a praticarem BT no contexto universitário tocantinopolino. De maneira específica, busca-se: (1) Caracterizar o perfil dos estudantes que praticam BT no contexto universitário tocantinopolino; (2) Identificar como se deu o processo de iniciação e continuidade da prática do BT nesse ambiente; (3) Analisar a percepção dos praticantes sobre o papel do BT em suas atividades acadêmicas e sociais.

Assim, a relevância desta investigação reside em seu caráter inovador, ao contribuir para o campo da Educação Física com a análise de uma temática ainda pouco explorada, como é o caso do esporte no âmbito universitário de forma geral (Malagutti *et al.*, 2020) e do BT de forma particular. Além disso, o estudo possui potencial para subsidiar estratégias institucionais voltadas à promoção da saúde e do bem-estar estudantil, com impactos positivos no desempenho acadêmico e na formação integral dos sujeitos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo, de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, cuja finalidade é descrever as características de um grupo, fenômeno ou situação. Aqui, não se pretende quantificar os dados, nem tampouco buscar

³ No contexto do processo de implantação da UFNT, foi deliberado, por instâncias colegiadas, que a instituição adotaria uma estrutura organizacional baseada em centros, em substituição ao modelo tradicional de câmpus. Desta forma, o CEHS oferece quatro cursos de licenciatura (Pedagogia, Educação Física, Ciências Sociais e Educação do Campo), além de um curso de bacharelado em Direito. Sua estrutura física é composta por duas unidades: uma localizada na região central da cidade de Tocantinópolis e outra no bairro Vila Santa Rita, conhecido como “Babaçu”, em razão da presença de babaçuais na área (UFNT, 2025).

uma representatividade numérica, mas, captar as percepções, sentimentos e experiências dos participantes de forma detalhada e aprofundada (GIL, 2010).

2.2 Local e participantes da pesquisa

A investigação foi realizada no CEHS da UFNT, especificamente na Unidade Babaçu, em Tocantinópolis-TO. Os participantes foram representados pelos estudantes universitários que frequentam as quadras de areia desse espaço (Figura 1) para praticarem BT. A seleção ocorreu por conveniência, contemplando sujeitos que demonstraram disponibilidade e interesse após o contato inicial.

Figura 1. Quadras de areia da unidade Babaçu



Fonte: Dados da pesquisa.

Foram adotados como critérios de inclusão: (1) matrícula ativa em cursos de graduação do CEHS; (2) prática regular de BT nas quadras da Unidade Babaçu; (3) mínimo de três meses de prática contínua; e (4) assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos: (1) estudantes sem vínculo ativo com o CEHS; (2) praticantes esporádicos ou com menos de três meses de prática; e (3) aqueles que não devolveram o TCLE assinado.

2.3 Técnica de produção dos dados

Utilizou-se o grupo focal como técnica de produção de dados em virtude de sua capacidade de captar um conjunto de percepções e processos de construção coletiva de sentido entre os participantes. Conforme argumenta Gatti (2005), os grupos focais constituem espaços interativos nos quais a fala se produz na relação com o outro, possibilitando ao pesquisador apreender não apenas conteúdos individuais, mas também dinâmicas discursivas, zonas de convergência e divergência e racionalidades social e culturalmente situadas. Assim, compreende-se que a interação grupal tende a favorecer a emergência de narrativas mais densas, reflexivas e contextualizadas, produzindo informações que dificilmente seriam obtidas por meio de técnicas individuais.

Nessa perspectiva metodológica, adota-se o princípio da não diretividade, o que implica minimizar intervenções do pesquisador e favorecer a livre circulação das falas entre os participantes. Tal orientação possibilita que as discussões se desenvolvam de maneira espontânea, ancoradas nas experiências, percepções e significados construídos pelos próprios sujeitos da pesquisa. Nesse contexto, o grupo focal foi constituído por seis estudantes universitários, com idades entre 21 e 23 anos, cujas características encontram-se detalhadas no quadro a seguir.

Quadro 1. Perfil dos participantes do grupo focal

| Nome | Faixa etária | Curso/Período | Prática esportiva prévia | Prática de BT |
|-------------|---------------------|----------------------|---|----------------------|
| André | 21 anos | Educação Física/8P | Tênis de mesa e Futsal | 7 meses |
| Graziele | 20 anos | Educação Física/4P | Não se aplica | 1 ano |
| Rafaela | 22 anos | Educação Física/8P | Futsal | 11 meses |
| Raquel | 20 anos | Educação Física/4P | Futsal | 1 ano |
| Sophia | 21 anos | Educação Física/4P | Tênis de mesa; Badminton; Vôlei e Xadrez | 1 ano e 6 meses |
| Vitória | 23 anos | Direito/9P | Vôlei | 1 ano e 6 meses |

Fonte: Dados da pesquisa.

O grupo focal foi realizado no dia 4 de novembro de 2025, em uma sala de reunião da UFNT, unidade Centro, conforme previamente acordado com os participantes (Quadro 1). Tal escolha possibilitou assegurar conforto, privacidade e condições propícias ao diálogo. O encontro foi gravado mediante consentimento de todos e, posteriormente, transcrito na íntegra, preservando-se a literalidade das falas para fins de rigor analítico. A atividade teve duração aproximada de 1h30min, tempo considerado adequado para a exploração dos tópicos previstos e para o desenvolvimento das interações características dessa técnica de investigação.

2.4 Análise de dados

Os dados foram examinados por meio da análise de conteúdo temática (Bardin, 2011). O processo envolveu três fases: (1) pré-análise, com leitura flutuante das transcrições e delimitação dos objetivos analíticos; (2) exploração do material, com identificação e codificação de unidades de sentido relacionadas aos fatores motivacionais; e (3) tratamento e interpretação, com agrupamento das unidades em categorias e eixos temáticos articulados ao referencial teórico.

A escolha dessa abordagem metodológica fundamenta-se na compreensão de que os comportamentos humanos são portadores de sentidos social e subjetivamente construídos, os quais se tornam acessíveis por meio da escuta atenta dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos (Alves, 1991). Nessa direção, os resultados foram construídos a partir do cruzamento entre as informações produzidas no grupo focal e os aportes teóricos acerca da motivação e da prática esportiva, possibilitando uma interpretação analítica consistente e teoricamente sustentada.

2.5 Aspectos éticos

O estudo segue os princípios éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2013) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFNT, sob o CAAEE nº 90081625.9.0000.0342. Para garantir o anonimato dos participantes deste estudo e, ao mesmo tempo, para manter o vínculo simbólico com a temática investigada, optamos por atribuir-lhes nomes fictícios inspirados em atletas brasileiros de destaque no BT (Sophia Chow, Vitória Marchezini, Rafaela Miiller, Grazielle Silva, Raquel Lotte e André Baran). Para fins de identificação no texto, utilizou-se apenas o primeiro nome de cada um (Quadro 1).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise de conteúdo temática, conforme proposta por Bardin (2011), permitiu identificar quatro categorias centrais que estruturam a experiência dos estudantes com o BT no contexto investigado. A primeira categoria diz respeito aos sentidos atribuídos aos primeiros contatos com a modalidade, marcados por curiosidade, sociabilidade inicial e desafios inerentes ao processo de aprendizagem. A segunda reúne os elementos que explicam a atratividade do BT, articulando dimensões técnicas, estéticas e a atmosfera de descontração que caracteriza a prática. A terceira examina o papel do BT no cotidiano dos participantes, destacando efeitos físicos, emocionais e sociais decorrentes de sua incorporação às rotinas diárias. Por fim, a quarta categoria explora sua presença na vida acadêmica, evidenciando impactos sobre sociabilidade, pertencimento institucional e construção de visibilidade. A seguir, cada categoria é aprofundada em detalhe.

3.1 Primeiros contatos com o BT: entre amizades, curiosidades e dificuldades

Os primeiros contatos dos participantes com o BT revelam um processo de aproximação marcado por curiosidade, vínculos sociais e condições institucionais que facilitaram o acesso à modalidade. As falas indicam que o ingresso não ocorreu de forma espontânea ou individualizada, mas foi mediado por dinâmicas afetivas e pelas oportunidades proporcionadas pelo ambiente universitário.

A curiosidade emerge como um importante fator motivacional inicial para a aproximação dos estudantes com o BT, sendo desencadeada, sobretudo, pela observação da modalidade e pela convivência com colegas já inseridos em um projeto de extensão universitária intitulado “Tempo do Beach Tennis – TBT”⁴. Antes mesmo da vivência prática, os participantes relatam que o esporte despertava interesse de ordem visual e imaginativa, conforme evidenciam os excertos a seguir:

Eu conheci BT na universidade. Eu praticava vôlei de areia, via o pessoal jogando, e por curiosidade um dia eu fui lá praticar e acabei gostando (Rafaella).

Nunca tive contato, mas me interessei muito quando vi os projetos. Resolvi praticar e acabei gostando demais (Sophia).

⁴ O Projeto TBT iniciou em setembro de 2024 com o objetivo de promover o acesso à prática do BT como uma ferramenta de saúde, bem-estar e inclusão social na comunidade local, incluindo os estudantes universitários. Suas atividades ocorrem de forma regular todas as quintas-feiras nas quadras de areia da unidade Babaçu, com a oferta de turmas mistas.

Eu conheci o BT pela universidade também. Pelo projeto TBT. Eu comecei a praticar no contraturno. E comecei a jogar semanalmente, todas às quintas. Aí eu gostei muito do esporte e continuei praticando (Raquel).

Esses relatos sugerem que a aproximação inicial resulta da combinação entre o contato visual e a percepção de acessibilidade. O BT não se apresenta como prática distante ou elitizada, mas como experiência incorporada ao cotidiano universitário, favorecida pela presença constante das quadras e pelo incentivo dos pares. Nesse cenário, a curiosidade atua como um gatilho inicial que mobiliza os estudantes a observar, experimentar e, progressivamente, engajar-se de forma mais sistemática na prática esportiva, transformando um interesse ocasional em participação efetiva.

As amizades assumem papel central nesse processo, não apenas como elemento de convite, mas como sustentação afetiva da iniciação esportiva. Os relatos evidenciam que o pertencimento ao grupo e o incentivo contínuo dos colegas funcionam como reforçadores da permanência, conforme ilustram as falas a seguir:

Eu fui por curiosidade, mas as amigas me chamavam direto: 'bora treinar'. Aí continuei indo e gostei (Raquel).

O que me motivou a continuar praticando no esporte BT foi a constância e também as amigas... no sentido de "bora lá, bora treinar (Rafaella).

A entrada na modalidade, portanto, configura-se menos como um ato individual isolado e mais como um processo socialmente compartilhado. Em diversos casos, o convite reiterado dos amigos opera como elemento mediador que transforma a curiosidade inicial em adesão efetiva. O grupo desempenha, assim, função mediadora da experiência esportiva, oferecendo suporte emocional, reduzindo inseguranças e criando um ambiente de acolhimento que favorece os primeiros contatos com a prática. Nessa dinâmica, identifica-se uma motivação de caráter predominantemente extrínseco, uma vez que está associada ao incentivo social e às relações interpessoais (Ryan; Deci, 2000).

No que se refere às dificuldades iniciais, os participantes relatam desafios de ordem física, técnica e simbólica. Para aqueles sem histórico prévio de práticas aeróbicas, a adaptação corporal mostrou-se particularmente exigente. Já entre os participantes com experiências esportivas anteriores, as dificuldades estiveram relacionadas à necessidade de resignificar padrões motores previamente consolidados, conforme ilustrado nos seguintes relatos:

No começo eu tinha muita dificuldade de correr na quadra, de me movimentar. Ficava engessada num lugar só, porque nunca tinha feito esporte aeróbico (Vitória).

A minha maior dificuldade foi a questão da movimentação em quadra e as técnicas de movimento, apanhei muito (Raquel).

Como eu já praticava ping pong, eu tinha muita dificuldade de tirar esses movimentos do jogo. Até hoje, às vezes coloco efeito na bola sem querer, por vício de outro esporte (André).

A articulação desses relatos evidencia que a experiência inicial com o BT é atravessada por tensões entre curiosidade, afetos e desafios corporais. O corpo é convocado a produzir esforços e movimentos para os quais muitos participantes não estavam previamente habituados, gerando sensações iniciais de estranhamento e dificuldade. Nesse contexto, a presença de suporte social e o encorajamento dos pares mostram-se fundamentais, uma vez que, na sua ausência, tais dificuldades poderiam ter resultado na descontinuidade da prática. Assim, os primeiros contatos com o BT não dependem exclusivamente de disposições individuais, mas também de condições sociais que sustentam a permanência e atenuam a percepção de barreiras ao engajamento esportivo.

Para além dos aspectos físicos e técnicos, emergem, nas falas dos participantes, elementos de ordem simbólica associados à percepção de elitização do BT. Tais elementos dizem respeito, sobretudo, aos custos de acesso à modalidade, à necessidade de uma infraestrutura específica e à presença de marcadores sociais de classe que historicamente a circundam. Esses fatores tendem a operar como barreiras simbólicas e materiais, capazes de restringir o acesso e a permanência na prática, em especial, entre sujeitos que não dispõem de capital econômico e cultural compatível com as exigências implícitas do esporte. Os excertos abaixo exemplificam tal percepção:

Eu achava o esporte muito caro, dizia que não ia pagar cinquenta reais por meia hora [na arena privada]. Só comecei quando abriu projeto [TBT] (Vitória).

O que eu posso perceber entre essa diferença do futsal e do BT é sobre a questão da classe econômica. O custo de vida no BT é muito alto (Rafaella).

Pra [jogar] vôlei você só precisa de uma bola. Pra BT não, né? Já é raquete, já é várias bolinhas e tal (Sophia).

Com efeito, esses relatos indicam que o processo de iniciação não se limita às dimensões motoras ou à disponibilidade emocional, mas é atravessado por percepções de classe e de acessibilidade. O imaginário que associa a modalidade a segmentos econômicos mais elevados produz uma distância simbólica que opera como barreira prévia, mesmo antes do primeiro contato efetivo com o esporte. Tal dinâmica se intensifica quando o BT é comparado a

modalidades amplamente difundidas no contexto brasileiro, como o Voleibol e o Futsal, cuja prática costuma exigir menos recursos materiais e financeiros.

Nesse cenário, os projetos universitários assumem papel estratégico na ruptura desses estigmas e na ampliação do acesso. Ora, ao oferecer condições materiais, sociais e simbólicas que reduzem a percepção de elitização, esses projetos contribuem para estreitar a distância simbólica e democratizar a participação na modalidade, permitindo que estudantes que, de outra forma, não se perceberiam autorizados ou aptos a praticá-la encontrem caminhos efetivos de entrada.

Em síntese, os primeiros contatos com o BT emergem da interação entre a curiosidade, o apoio das redes de amizade e as oportunidades institucionais. A iniciação esportiva não se configura como um processo linear ou exclusivamente individual, mas como uma tessitura social marcada pela articulação entre desejo, suporte coletivo e condições objetivas de acessibilidade.

É, portanto, essa convergência de fatores que possibilita a transformação de um interesse inicial (muitas vezes episódico) em uma trajetória de permanência na modalidade, sustentada por vínculos sociais, oportunidades concretas de prática e pela progressiva construção de identificação e pertencimento ao BT.

3.2 Atratividade do BT: Entre a técnica, a descontração e a estética

Embora os participantes tenham mencionado barreiras simbólicas associadas à percepção de elitização do BT, especialmente quando comparado a modalidades populares como o Voleibol e o Futsal, suas narrativas também evidenciam um movimento inverso após o ingresso na prática. Uma vez superada a etapa inicial de aproximação, o esporte passa a ser percebido predominantemente a partir de sua atratividade, deslocando o foco das restrições simbólicas para os aspectos positivos da experiência vivenciada. Esse contraste revela uma reconfiguração das percepções iniciais, na qual elementos técnicos, estéticos e relacionais conferem ao BT um apelo singular, atribuindo-lhe valor diferenciado em relação a outras modalidades esportivas.

No âmbito das interações construídas no grupo focal, emergem distintos componentes dessa atratividade. Os relatos indicam que a dimensão técnica articula-se à dimensão estética, na medida em que os gestos e movimentos característicos da modalidade produzem forte impacto visual, despertando sensações de encantamento e interesse. Tal percepção pode ser observada nas narrativas a seguir:

Eu acho muito bonito ver jogo de BT profissional.... Porque, véi, a técnica de smash, técnica de saque, nossa, é minha preferida de ficar vendo. Amo! (Sophia).

Acho a técnica smash, eu acho muito bonito (Graziele).

Mano, eu gosto das raquetes [...]. De verdade, eu acho muito bonito as raquetes de BT (Sophia).

Essas falas indicam que a técnica não é percebida como um elemento distante, rígido ou inacessível, mas como um gesto capaz de produzir fascínio e despertar o desejo de aproximação. A atratividade inicial da modalidade ancora-se, em grande medida, na apreciação estética dos movimentos, sugerindo que o encantamento pode anteceder a própria vivência prática. Assim, a técnica deixa de operar como barreira e passa a configurar-se como convite à experimentação, ressignificando-se enquanto possibilidade de experiência corporal significativa.

Tal achado converge com a formulação de Lovisolo (1997), ao defender que os esportes devem ser compreendidos como matéria-prima para a reflexão estética, contribuindo tanto para a compreensão da necessidade cultural do belo quanto para a promoção de atitudes de admiração diante das múltiplas expressões estéticas do corpo em movimento. Assim, o BT emerge, nas narrativas dos participantes, como uma prática capaz de mobilizar afetos e sentidos antes mesmo da consolidação da competência técnica.

Além disso, a menção recorrente aos materiais esportivos reforça que a atratividade da modalidade extrapola o gesto técnico e alcança a dimensão da cultura visual do esporte. A estética vibrante das raquetes e a identidade visual característica do BT funcionam como marcadores simbólicos que favorecem processos de identificação e pertencimento, aspecto particularmente relevante no contexto universitário, no qual signos culturais operam como mediadores da construção de vínculos e motivações.

Outro conjunto de relatos evidencia que a atratividade do BT também está profundamente relacionada ao clima leve que caracteriza a prática, cuja descontração se entrelaça com a criação de vínculos afetivos. Segundo os participantes, diferentemente de esportes em que o erro é associado à cobrança ou ao julgamento, o BT é descrito como um espaço de acolhimento, no qual o engajamento se funda na ludicidade e na sociabilidade, conforme ilustrado no relato abaixo:

Acho que pra mim é porque é um esporte descontraído... diferente de outros esportes, quando tu vai jogar com os teus amigos ali, por mais que seja um jogo sério, muitas das vezes fica ali um jogo descontraído. [...] Inclusive, teve um dia aí que a gente foi jogar e praticamente nem teve o jogo, o pessoal conversando, fofocando da vida dos outros [risos] (André).

As falas revelam que o erro deixa de ser um elemento constrangedor e passa a ser parte natural da experiência. A atmosfera de apoio mútuo e incentivo coletivo transforma a quadra em um importante espaço de sociabilidade, o que favorece não apenas a aprendizagem técnica, mas a construção de relações afetivas. Esse ambiente leve também contribui para que o esporte seja percebido como espaço de diversão e experimentação, características fundamentais da sua atratividade.

No estudo realizado por Rosa e Alvarez (2021), analisou-se o perfil dos praticantes de BT no município de Criciúma-SC. Para tanto, os autores aplicaram um questionário a 81 praticantes voluntários. Os resultados indicaram que as motivações para a prática dessa modalidade se distribuíram em três aspectos principais, são eles: recreação (59,26%), competição (20,99%) e condicionamento físico (19,75%). Esses achados evidenciam que a prática do BT, no contexto investigado, é predominantemente orientada por motivações associadas ao lazer e à descontração, o que denota a ludicidade inerente à modalidade e reforça a existência de fatores intrínsecos na motivação dos sujeitos envolvidos, contribuindo, de modo significativo, para a adesão e a permanência.

De forma sintomática, pode-se inferir que esse clima lúdico e descontraído, associado à modalidade, também favorece a melhoria da própria jogabilidade dos praticantes, ampliando a sensação de competência percebida e, conseqüentemente, a motivação para continuar praticando. Tal aspecto emerge com clareza no relato a seguir:

Você pega lá no outro esporte, você erra, vem um na tua cara, te xinga, te humilha. No BT não. Você erra e o pessoal [diz]: “não, faz assim, faz assim com a raquete que vai dar certo”. [...] Você tá ali jogando descontraído, você consegue fazer do nada uma jogada que só um profissional faria, um lob lá na linha, uma curtinha, bem curtinha mesmo que ninguém consegue pegar (Vitória).

Essa narrativa reforça a ideia de que a atratividade da modalidade também está vinculada às experiências inesperadas de competência, isto é, momentos em que o praticante, mesmo sem grande experiência técnica, consegue realizar jogadas complexas e percebe-se mais capaz. O BT, nesse sentido, parece oferecer um equilíbrio significativo entre desafio e acessibilidade, o que fortalece o engajamento e sustenta a continuidade da prática.

Cabe destacar, ainda, que embora a maioria dos relatos enfatize a estética do jogo, o clima leve e a descontração como elementos centrais da experiência, a competição também surge como um componente adicional capaz de ampliar o interesse e fortalecer o vínculo com a modalidade. Em outras palavras, a atratividade do BT também se associa à vivência do

espetáculo esportivo, seja na condição de jogador, seja como espectador, conforme ilustram os excertos a seguir:

[...] comecei a jogar semanalmente, todas às quintas. Aí eu gostei muito do esporte e continuei praticando. Tanto que até hoje, vou para campeonato (Raquel).

São as técnicas. E poder usar essas técnicas, principalmente dentro de um campeonato, é muito satisfatório (Rafaella).

O atrativo é o competitivo... a energia que tem o campeonato, assistir as pessoas da categoria maior (Raquel).

[...] quando tem campeonato e as meninas animam de ir [...] E vou pra esse campeonato, eu passo um tempo focando em melhorar alguma coisa que não tá boa. E aprimorar outras. Pra conseguir dar o meu melhor na hora do jogo, né? (Sophia).

Esses relatos ratificam que a satisfação dos praticantes deriva de um contexto ampliado de experiências que envolve não apenas o jogo em si, mas também os campeonatos, a atmosfera competitiva, a energia coletiva e a possibilidade de testar e aprimorar habilidades em situações desafiadoras. A análise integrada desses achados indica que a atratividade do BT se estrutura na articulação entre técnica, estética, convivência e experiência competitiva: a técnica encanta pela beleza do gesto; a estética fortalece a identificação simbólica com a modalidade; a convivência e o clima acolhedor sustentam o prazer da prática; e a competição agrega intensidade, desafio e sentido de progressão.

Com efeito, embora os participantes enfatizem aspectos distintos, há convergência na compreensão de que o BT se destaca como uma prática que combina visualidade, acolhimento e satisfação corporal, consolidando-se como uma experiência esportiva multifacetada e emocionalmente significativa para esses sujeitos.

3.3 O BT no cotidiano entre o bem-estar físico, emocional e social

A presença do BT no cotidiano dos participantes revela um fenômeno multifacetado que articula dimensões físicas, emocionais e sociais, conferindo à prática um sentido que ultrapassa o mero ato de jogar. As narrativas indicam que o esporte se torna um eixo organizador da vida diária, compondo uma experiência que combina autodescoberta, alívio emocional e pertencimento coletivo.

No âmbito do bem-estar físico, os relatos mostram que o BT tem funcionado como porta de entrada para um estilo de vida mais ativo e saudável, especialmente, entre aqueles que se reconheciam como sedentários antes de iniciar a prática, tal como ilustrado a seguir:

Bom, pra mim, ela [a prática de BT] influencia muito no aspecto físico, porque, como eu já disse, eu não praticava nenhum esporte. Então, como sendo o primeiro, ela influencia muito nessa parte física (Grazielle).

No aspecto físico, com certeza. [...] eu era muito sedentária. Por exemplo, no primeiro campeonato do projeto, eu quase nem joguei. [...] Agora eu jogo o campeonato, no outro dia eu estou inteira. [...] Eu cansava muito ali pra subir as escadas. São muitas escadas na faculdade. Agora eu estou inteiraça (Vitória).

Essas falas demonstram que os efeitos da prática extrapolam o desempenho esportivo, alcançando tarefas cotidianas simples, como subir escadas ou lidar com esforços rotineiros. Observa-se não apenas melhora no condicionamento físico, mas uma reapropriação da funcionalidade corporal, que passa a integrar o cotidiano de maneira mais eficiente, autônoma e consciente. A prática, nesse sentido, reorganiza a relação do sujeito com o próprio corpo, gerando percepções de vitalidade e competência (antes ausentes, ou menos prevalentes).

No campo emocional, o BT aparece como estratégia de enfrentamento do estresse, da ansiedade e da sobrecarga mental, funcionando como espaço de alívio e regulação das tensões diárias. Desta forma, constata-se que a prática desta modalidade se configura como pausa produtiva no cotidiano, permitindo desconexão de estressores e produção de estados afetivos mais estáveis, conforme demonstrado nos relatos abaixo:

Os meus dias mais estressantes não me estressam fisicamente, é mentalmente. [...] eu recebo uma mensagem ‘vamos jogar hoje? Aí a gente vai lá e esquece de tudo que você passou no dia. [...] Para mim também é um hobby [...]. Toda folguinha que eu tinha, antes era para dormir. Agora toda folguinha, vamos ver se vai ter um playzinho hoje (Vitória).

Uma coisa que eu percebi também que melhorou bastante foi o meu sono... eu durmo bem melhor agora... E em questão emocional, eu acredito também que meu humor melhorou bastante (André).

Antes de eu praticar BT, eu tinha constâncias, crise, ansiedade... depois que eu comecei a praticar BT, não sumiu totalmente, mas melhorou muito (Rafaella).

Estudos apontam que a prática de exercícios físicos pode contribuir para o alívio e o tratamento de sintomas como estresse emocional, sofrimento mental e ansiedade (Weinberg; Gould, 2017). No presente estudo, observa-se que o BT cumpre bem esse papel protetivo frente ao estresse e à sobrecarga mental, comum no contexto universitário, incluindo melhorias no

sono, na disposição, na estabilidade emocional e na redução de sintomas ansiosos, resultando em benefícios que reverberam para além da quadra. Neste caso, verifica-se a manifestação da motivação de caráter intrínseco, pois, relaciona-se ao prazer e ao bem-estar pessoal (Ryan; Deci, 2000).

Nessa conjuntura, a dimensão social também emerge como componente central para compreender a inserção do BT na vida desses estudantes. As falas evidenciam que a prática não é vivida de forma isolada, mas atravessada por vínculos, encontros e interações que conferem sentido ao jogo:

Eu acho que o companheirismo. A união que a gente tem. A gente se motiva muito... A gente é muito unida (Sophia).

Para mim também, acho que é motivação.... Às vezes nem é pelo jogo. É só para ter o contato ali, conversar (Grazielle).

Está tudo bem ali naquele momento. Eu tô conversando com minhas amigas, tô jogando... depois do jogo, eu fico até com a depressão (RISOS) querendo mais (Sophia).

Vou encontrar as meninas, os problemas somem. [...] Eu, as meninas e o BT ali em si (Rafaella).

Esses agrupamentos mostram que o esporte opera como mediador de relações, fortalecendo vínculos, oportunizando apoio mútuo e produzindo sentimentos de pertencimento. A dimensão social não aparece como consequência secundária da prática, mas como elemento constitutivo de sua atratividade e de sua permanência no cotidiano universitário. A experiência corporificada do jogo se mistura à convivência, tornando-se espaço de afeto, expressão e convivência segura.

Ora, embora muitas participantes tenham nomeado o BT como um *hobby* (a exemplo de Vitória), as narrativas revelam que a prática cumpre funções estruturantes no cotidiano. Nesse sentido, a busca constante pelo “play” justifica-se para além do jogo, mas pelos próprios encontros correlatos, indicando que o esporte deixa de ser apenas recreação e passa a compor a estrutura do dia a dia, atuando como dispositivo afetivo de organização da vida. Assim, a análise sugere que o BT produz um conjunto de benefícios interligados, que vão do corpo à emoção, e da emoção às.

3.4 O BT no cotidiano acadêmico: entre sociabilidade, pertencimento e visibilidade

A inserção do BT na vida acadêmica dos participantes revela um conjunto de transformações que atravessam a sociabilidade, o senso de pertencimento institucional e a visibilidade no espaço universitário. As narrativas reforçam que a prática não opera apenas como atividade física ou recreativa, mas se configura como dispositivo social capaz de reconfigurar formas de convivência, circulação e reconhecimento entre estudantes. O esporte adquire, assim, um estatuto estratégico na experiência acadêmica, ampliando redes relacionais, fortalecendo vínculos e mobilizando novas formas de engajamento.

Na interação do grupo focal, a sociabilidade apareceu como primeira transformação significativa. Os participantes relatam deslocamentos expressivos na forma como interagem com os outros, destacando que o BT funciona como catalisador de vínculos e vetor de expansão das relações. Esse movimento pode ser sintetizado nos excertos abaixo:

[...] quando entrei na faculdade eu era muito tímida, ainda sou, mas eu vi essa mudança minha, na questão de conversar mais, conseguir interagir mais com as pessoas. Através do BT conheci muitas pessoas (Graziele).

[...] durante as aulas [do projeto TBT] integravam tanto os alunos, quanto os servidores. Era um local para conhecer muita gente nova, tipo, não só da faculdade [...], esse convívio, tu acaba interagindo mais, tu acaba ficando mais sociável ali para conversar (André).

Eu criei vínculos novos, fortaleci vínculos que eu já tinha, pessoas do meu curso, de outros (Raquel).

Tais relatos evidenciam que o BT não apenas estimula o convívio, mas institui um ambiente no qual a interação se torna espontânea, recorrente e transversal. A quadra funciona como espaço de encontro/convivência que atravessa fronteiras entre cursos, semestres e categorias institucionais (alunos e servidores), áreas de formação e fases da graduação. Destarte, constata-se que, para os respectivos universitários, a sociabilidade aparece como produção estrutural da dinâmica coletiva da modalidade.

Este dado corrobora com o estudo realizado por Trucollo, Maduro e Feijó (2008), cujos resultados apontaram que a aderência à prática da corrida foi fortemente influenciada pelo convívio e pela sociabilidade proporcionados pela atividade, especialmente, quando realizada em grupo com pessoas de faixa etária e interesses similares.

A noção de pertencimento surge como eixo igualmente relevante, indicando que o esporte opera como mediador na relação dos estudantes com a universidade, fortalecendo sua ancoragem institucional. Assim, a prática esportiva não serviu apenas para fortalecer vínculos, mas ampliou a própria percepção de integração ao referido espaço universitário:

[...] Eu acho que depois que eu comecei a praticar o esporte, muito por conta do projeto [TBT] também, eu comecei a frequentar outros projetos universitários (André).

Eu acho que a prática do BT instigou muito a pertencer no curso de Educação Física. Porque do BT a gente já ficava na universidade para a aula, direto (Sophia).

Observa-se, pois, que o pertencimento não se restringe à manutenção da matrícula, mas envolve um engajamento ampliado com a vida acadêmica: passando mais tempo na universidade, explorando novos espaços, novos projetos, etc. O BT parece ressignificar a percepção de “estar na universidade”, deslocando a experiência institucional para além da sala de aula e incorporando dimensões comunitárias e interativas, o que, por sua vez, fomenta a identidade acadêmica.

A visibilidade constitui outro componente estruturante. Quanto mais os praticantes circulam pelo espaço universitário e interagem com estudantes e professores de diferentes cursos e/ou participarem de projetos interdisciplinares, mais se tornam figuras reconhecidas e mais diversificam suas redes de contato, citando, inclusive, eles próprios.

Eu conheci muita gente de outros cursos. A [Vitória] é uma, né? Do direito. Conheci muita gente, porque na época [início do projeto TBT] tinha mais gente de outros cursos do que de Educação Física (Sophia).

A gente passa a ser conhecida na universidade e conhecer os outros. Por exemplo, [o pesquisador, Grazielle, André] eu nunca tinha visto na universidade [...]. Agora o pessoal acha até que eu faço Educação Física (Vitória).

Nessa seara, a fala de Vitória torna-se especialmente elucidativa. Ao relatar que passou a ser confundida com estudante de Educação Física, ela evidencia como a participação ativa nos espaços universitários produz processos de circulação e reconhecimento capazes de tornar as identidades acadêmicas mais fluidas, compartilhadas e ressignificadas. Trata-se de um indício de que o engajamento em práticas esportivas institucionais não apenas amplia a visibilidade dos sujeitos, mas também reconfigura os modos pelos quais eles são percebidos e se percebem dentro da trama social da universidade.

No entremeio dos aspectos que emergiram no grupo focal acerca do papel do BT na rotina acadêmica dos participantes, observa-se uma zona de complexidade que revela tanto tensões quanto reorganizações produtivas do cotidiano universitário. Para uma parte dos estudantes, a modalidade atua como vetor de deslocamentos temporais, levando-os, em determinados momentos, a priorizar a prática esportiva em detrimento de atividades acadêmicas. Para outros, porém, o jogo opera em sentido inverso, funcionando como

mecanismo regulador de disciplina, estimulando maior organização e antecipação das demandas curriculares.

Eu já deixei de fazer algumas atividades para jogar, mas nunca deixei de fazer e não entregar, mas eu deixava de fazer naquele momento para poder jogar (Graziele).

[...] em questão de nota, o BT, ele não interferiu negativamente. Minhas notas continuam iguais antes de eu praticar. Mas, em frequência, em presença em sala de aula, eu comecei a utilizar mais dos meus 25% do direito de faltar (André).

Eu vou ser do contra... o BT até ajudou nisso [disciplina]. Porque, às vezes, eu faço [as atividades acadêmicas] antes para poder jogar. [...] Para mim, melhorou em relação à organização, porque agora eu priorizo fazer todas [...] e tirar do período da noite, que é o período que a gente vai jogar (Vitória).

Esses relatos demonstram que o impacto do BT sobre o cotidiano acadêmico é multifacetado e não pode ser reduzido a uma causalidade linear entre prática esportiva e desempenho estudantil. Em alguns casos, o envolvimento com a modalidade tensiona a rotina, redistribuindo prioridades e condutas. Em outros, paradoxalmente, o desejo de jogar induz a um comportamento de maior planejamento, criando uma espécie de temporalidade estratégica em que as obrigações acadêmicas são antecipadas ou reorganizadas para preservar o espaço do esporte.

De acordo com Samulski (2009), o estudo da motivação é importante para buscarmos compreender por que, em um dado momento, uma pessoa escolhe uma determinada forma de comportamento e a executa com certa intensidade e persistência. Assim, no caso deste estudo, observa-se que há um denominador comum entre as experiências relatadas: a negociação consciente do tempo. Afinal, independentemente da direção assumida pela influência do BT, os respectivos universitários demonstram agência na gestão de suas rotinas, reorganizando atividades a partir do valor simbólico e afetivo que atribuem à sua prática. Tal movimento indica que o esporte adquire centralidade suficiente para remodelar comportamentos, hábitos de estudo e modos de circulação no contexto universitário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender os fatores motivacionais que influenciam estudantes universitários de Tocantinópolis a praticarem BT no contexto acadêmico. A análise das narrativas produzidas no grupo focal evidenciou que esses fatores são multifacetados,

articulando dimensões estéticas, técnicas, emocionais e sociais que orientam a construção dos sentidos atribuídos à modalidade.

Os resultados indicam que a curiosidade inicial, o incentivo de amigades e a acessibilidade proporcionada pelos projetos institucionais constituem elementos fundamentais para o primeiro contato e a adesão ao BT. Em paralelo, a modalidade se destaca por sua atratividade, marcada pela combinação de aspectos técnicos e estéticos, pela atmosfera de acolhimento e pelo caráter lúdico, o que a diferencia positivamente de esportes mais populares no ambiente universitário.

No cotidiano dos participantes, o BT exerce influência significativa, contribuindo para o bem-estar físico, a regulação emocional e o fortalecimento das relações sociais. Na esfera acadêmica, a prática amplia a sociabilidade, promove pertencimento institucional e reforça a integração dos estudantes ao espaço universitário. Os praticantes tornam-se mais reconhecidos, mais confiantes e mais envolvidos em grupos, projetos e eventos, tornando o BT um elemento estruturante da vida universitária.

Observa-se que a modalidade deixa de operar apenas como atividade física e passa a constituir uma forma de viver a universidade, produzindo efeitos diretos sobre permanência, engajamento e construção de redes relacionais. Assim, o BT adquire centralidade na experiência acadêmica dos sujeitos investigados, influenciando comportamentos, vínculos afetivos, hábitos de estudo e modos de circulação no referido contexto.

Conclui-se que o BT representa uma prática promotora de bem-estar global, engajamento comunitário e integração universitária no contexto analisado. Espera-se que os resultados deste estudo ofereçam subsídios para ações institucionais voltadas à promoção do esporte universitário, bem como orientem políticas públicas e projetos de extensão que incentivem práticas esportivas acessíveis e contribuam para a democratização do esporte e o fortalecimento de uma cultura acadêmica mais saudável, participativa e inclusiva.

Por fim, recomenda-se o desenvolvimento de futuras pesquisas que aprofundem nuances relacionadas às dinâmicas de gênero, identidade e reconhecimento na prática do BT, além de estudos quantitativos que complementem os achados qualitativos e permitam mapear padrões mais amplos no contexto universitário tocantinopolino.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 77, p. 53-61, 1991.

BARROSO, M. *et al.* Motivos de prática de esportes coletivos universitário em Santa Catarina.

In: FÓRUM INTERNACIONAIS DE ESPORTES, 6., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Uneposrtes, 2007. p. 11.1-11.9

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 jun. 2013.

COLAÇO, C. P.; FLECK, L. A. Estratégias do desporto universitário: um estudo de caso sobre o desporto em universidades portuguesas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 9, n. 2, p. 68-75, 2009.

EVANGELISTA, M. Tênis de areia? Frescobol com rede? Não, o jogo é o Beach Tennis. **Revista Tênis**, São Paulo, v.102, n.7, p.1-2, 2012.

GAYA, A.; Cardoso, M. Os fatores motivacionais para a prática esportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho esportivo. **Perfil**, Porto Alegre, ano 2, n. 2, 1998.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, R. B. L. **O Beach Tennis como atividade intergeracional.** 2017. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2017.

GUIDUCCI, A.; DANAILOF, K.; ARONI, A. L. Beach Tennis: a opinião de professores e atletas sobre a modalidade. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 18, n. 1, p. 25-32, 2019.

LOVISOLO, H. **Estética, Esporte e Educação Física.** Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MALAGUTTI, J. P. M.; ROJO, J. R.; STAREPRAVO, F. A. The brazilian university sports, oficial organization and academic athletic associations. **Research, Society and Development**, v. 9. n. 8, p. e32985325-e32985325, 2020.

ROSA, T. R.; ALVAREZ, B. R. Perfil dos praticantes de beach tennis no município de Criciúma. **Research, Society and Development**, Criciúma, v. 10, n. 17, 2021.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. **Contemporary Educational Psychology**, v. 25, n. 1, p. 54-67, 2000.

SÁNCHEZ-RIVERA, L. *et al.* The relationship of sport with academic performance of higher education students. **Journal of University Policies**, p. 6-15, 2022.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte: Conceitos e novas Perspectivas.** Barueri: Manole, 2009.

TAKAYAMA, F. S.; VANZUÍTA, A. Reflexões sobre o Beach Tennis no Brasil: um estado de conhecimento. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 2, p. 1-7, 2020.

TRUCCOLO, A. B.; MADURO, P. A.; FEIJÓ, E. A. Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. **Motriz: Revista de Educação Física**. UNESP, v. 14, N. 2, p. 108-114, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT). **Centro de Educação, Humanidades e Saúde**. 2025. Disponível em: <https://ufnt.edu.br/centro-de-educacao-humanidades-e-saude/>. Acesso em: 01 maio 2025.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 624 p, 2017.

ZHOU, S. *et al.* A Study on the Relationship between College Sports and Academic Achievement. **Frontiers in Sport Research**, v. 6, n. 3, 2024.